



A nova imagem de avós na literatura contemporânea infantil Brasileira

The new image of grandmothers in Brazilian contemporary child literature

Elaine Pedreira Rabinovich

Doutora em Psicologia Social - USP
Universidade Católica do Salvador - UCSal
Salvador, Bahia – Brasil
elaine.rabinovich@pro.ucsal.br

Rosa Maria da Motta Azambuja

Doutora em Família na Sociedade Contemporânea - UCSal
Universidad de la Empresa - UDE
Montevideo - Uruguay
psicoazambuja@hotmail.com

Resumo: Os avós têm sido apresentados na literatura infantil principalmente como legado geracional, cultural e histórico. Para estudar se e como essas mudanças sociais e familiares estão impactando na imagem dos avós em histórias para as crianças no Brasil, foram selecionadas treze histórias com uma visão renovada dos avós. Da análise destas histórias, pode-se observar ter ocorrido uma mudança do personagem avó/avô, descrito como tendo um corpo, não apenas marcado pelo sofrimento, mas também pelo prazer, em namoros e recasamentos, e pela interação com os netos em nível de cumplicidade democrática. Esta “nova” avó é descrita como ativa, comunicativa, presente na vida dos netos e colaborativa, contrapondo-se à imagem da avó tradicional quanto à vestimenta, hábitos, comportamentos e atitudes.

Palavras-chave: literatura infantil; avós; coeducação democrática.

Abstract: Grandparents have been presented in children's literature mainly as a generational, cultural, and historical legacy. To study whether and how these social and family changes are impacting the image of grandparents in stories for children in Brazil, thirteen stories were selected with a renewed view of grandparents. From the analysis of these stories, it can be observed that there has been a change in the grandmother/grandfather character who is now described as having a body, not only marked by suffering, but also by pleasure, in courtships and remarriages, and by interaction with grandchildren. at the level of democratic complicity. This “new” grandmother is described as active, communicative, present in her grandchildren's lives and collaborative, opposing the image of the traditional grandmother in terms of clothing, habits, behaviors, and attitudes.

Keywords: children's literature; grandparents; democratic coeducation.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

RABINOVICH, Elaine Pedreira; AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. A nova imagem de avós na literatura contemporânea infantil Brasileira. *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-15, e24306, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/46.2023.24306>

American Psychological Association (APA)

Rabinovich, E. P., & Azambuja, R. M. da M. (2023, set./dez.). A nova imagem de avós na literatura contemporânea infantil Brasileira. *Dialogia*, São Paulo, 46, p. 1-15, e24306. <https://doi.org/10.5585/46.2023.24306>

Introdução

Investigações científicas apontam para um interesse pelo estudo dos avós conforme a literatura infantil. Rabinovich, conjuntamente com Azevedo (2012), buscou apreender a personagem avó em duas histórias para crianças de duas consagradas autoras contemporâneas brasileiras, *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado (1990), e *Atrás da Porta* (1997), de Ruth Rocha. As avós, nas duas obras, representam as gerações anteriores, o encontro do passado no presente, a passagem da cultura, dos costumes, e a passagem para o futuro. No encontro das gerações atuais com a sua origem, contribuem para a formação de sua identidade. As autoras propõem que os legados geracionais transmitidos pelos avós fazem parte da memória familiar e contribuem para a vida cotidiana da família. Uma importante categoria que emergiu de sua análise foi a de *símbolos*, quer representados graficamente quer descritos por meio da linguagem. As autoras enfatizam o uso dos recursos imagéticos nas histórias, não apenas descritivos, como também criando imagens simbólicas que acrescentam um olhar amplificado ao apresentado discursivamente como, no caso de Ana Maria Machado, o lenço, o leque, a caixa, o retrato, a trança; e em Ruth Rocha, a vela, o livro, a porta, a casa.

A partir deste estudo, foi proposta uma problematização referente a como as avós e avôs estariam sendo apresentados em obras em que estas fossem representadas como “modernas”. Quais seriam os aspectos atribuídos a avós e avôs como sinais desta “modernidade”? em que as histórias infantis, com seu título apontando para esta modernidade, difeririam ou não destas duas histórias estudadas por Azevedo e Rabinovich?

Vários estudos têm focado a relação avós/netos vistos na literatura infantil. Em um estudo de obras literárias sobre avós, Fernandes (2013) aponta que estas dão vozes aos velhos e confirmam a função social do idoso de lembrar e contar histórias. A autora investigou dez obras literárias infantis, tanto nacionais como internacionais, cujo objetivo foi mostrar representações de velhos que contracenam com crianças, ou seja, as narrativas que colocavam em foco dois extremos etários de uma família para conviverem: avós e netos. Os resultados apontaram que as representações sobre a velhice são apresentadas de forma positiva ao resgatarem a figura do idoso como o contador de histórias vivenciadas ou inventadas, valorizando a velhice como fonte de sabedoria para as crianças.

Através da prosa e poesia, Silva e Correa (2014) buscaram compreender as relações intergeracionais entre avós e netos na sociedade contemporânea, analisando duas obras da Literatura Infantil - *Menina Nina: Duas razões para não chorar*, de Ziraldo (2002) e *A menina, o cofrinho e a vovó* (2009), de Cora Coralina. Na obra de Ziraldo, a temática do luto na infância, com a perda da avó, traz importantes contribuições para a reflexão sobre a formação e o rompimento de

vínculos entre avós e netos. Já no pequeno e significativo livro de Cora Coralina, prevalece a importância da transmissão de heranças imateriais, através de uma receita simbólica a gerações posteriores.

Já Ramos (2015) buscou em vinte e quatro obras brasileiras compreender quais verdades e saberes tinham sido ensinados às crianças sobre velhice, avosidade e relações intergeracionais. Nas histórias analisadas, os avós são quase sempre retratados em uma idade mais avançada e aposentados; porém, a autora chama a atenção que mulheres e homens idosos não ocupam os mesmos lugares dentro da rotina doméstica e familiar. Enquanto os homens são representados em contextos mais naturais e voltados ao exterior cuidando da horta, das plantas, do jardim e dos animais, também desempenham atividades mais recreativas e divertidas com as crianças: brincam de cavalinho, passeiam no parque, vão ao cinema, jogam futebol de botão, saem para pescar à noite, sendo companheiros de grandes aventuras. Já as avós aparecem desenvolvendo atividades mais relacionadas à manutenção e ao cuidado do lar. Elas lavam e passam a roupa, limpam a casa, varrem a calçada, vão ao supermercado fazer as compras da semana, cozinham e preparam os bolos, fazem tricô, costuram, contam histórias para os netos antes que eles durmam, cuidam de suas atividades escolares, dos fermentos e da hora do banho. “As imagens (re) produzem, assim, não apenas um ideal de avô, mas um ideal de mulher, que é atenciosa, compreensiva, amável e acolhedora” (RAMOS, 2015, p. 203).

Souza, Silva e Junqueira (2020) investigaram a representação do idoso e das relações intergeracionais entre avós e netos na literatura infantil da língua portuguesa, concluindo que, ao lado da relação afetiva entre avós e netos, emergir a importância da memória para ativar e valorar uma memória em construção por ambos. A observar que a memória tem sido tema privilegiado da literatura infantil, como em *Olhando para dentro* (PERLMAN, 2009), em que o neto compra um gravador para o avô registrar permanentemente suas memórias e impressões, o que contempla a conclusão do estudo de Barbosa (2018) de que, conforme a literatura infantil, há uma integração intergeracional mediada pelo cuidado recíproco e pela continuidade das memórias.

Os avós têm sido apresentados na literatura infantil, segundo os autores mencionados, como legado geracional, cultural e histórico. No entanto, este posicionamento tem sofrido alterações na contemporaneidade, e estudos de Azambuja (2021), têm apontado a presença da coeducação entre gerações, geralmente associado ao uso da internet, além da coexistência de até cinco gerações devido ao envelhecimento populacional.

Na maioria das histórias, a imagem das avós tem sido retratada como tradicional: cabelos completamente brancos, um coque no cabelo; fazendo crochê em frente à televisão ou em cadeiras de balanço. Exceto duas obras analisadas por Ramos (2015, p. 220) se diferenciavam das demais:

uma delas se chama Luci (*Vovó Luci: no tempo dos nossos avós*), aparenta ser uma avó mais nova, gosta de mexer no computador, lutar caratê e é adjetivada como uma avó *cool* e relax. A outra personagem é avó Esmeralda (*Tem um avô no meu quintal*), possui um cabelo cor-de-rosa *pink*, comportamento irreverente e tem um namorado na trama. Esta “nova” avó é descrita como ativa, comunicativa, presente na vida dos netos e colaborativa, contrapondo-se à imagem da avó tradicional quanto à vestimenta, hábitos, comportamentos e atitudes. No entanto, a autora aponta que, mesmo estas, veiculam uma imagem negativa da velhice.

Assim, este estudo objetiva analisar se e como mudanças sócio familiares estão impactando na imagem dos avós em histórias para as crianças no Brasil, tanto do ponto de vista do conteúdo das histórias quanto de suas ilustrações.

Método

A seguir, apresentaremos os elementos que constituíram o caminho metodológico deste estudo.

Critério de escolha dos livros: Inicialmente, realizamos um levantamento no acervo pessoal das autoras, em livrarias, na internet procurando por livros publicados onde constavam as palavras avó, avô, avós e em duas bibliotecas escolares. Após este mapeamento, em que cerca de 100 livros puderam ser acessados por meio de seus títulos e dos resumos das obras acessíveis pela internet, treze obras continham enredos que foram detectados como abordando uma visão renovada dos avós, critério utilizado para escolha dos livros. Deste modo, pode-se estudar as mudanças na organização familiar pelas produções literárias que se tomou como objeto. A anotar que esta seleção não é exaustiva. Além disto, por um viés de camada social das pesquisadoras, e talvez associado ao universo de potenciais leitores-mirins pelo mercado editorial, as avós e avôs retratados pertencem à classe média branca.

Elementos de análise: Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa em que se utilizou o método análise de conteúdo (BARDIN, 1977), em que categorias são detectadas a partir do enunciado. Tais categorias podem tanto ser aplicadas aos textos quanto dele induzidas, sendo tais métodos denominados, respectivamente, apriorístico e empírico.

Para a análise das imagens, procurou-se verificar se o significado exemplificava o que estava escrito discursivamente ou se acrescentava algo a ele, ou seja, se havia sido criado um conteúdo simbólico por meio de imagem gráfica.

A revisão de literatura forneceu pistas preciosas, de modo que fomos buscar nos textos dos autores, categorias apriorísticas ou dedutivas e categorias empíricas ou indutivas. As primeiras

foram retiradas dos estudos elencados na revisão; as segundas foram derivadas indutivamente da leitura atenta, recorrente, indagadora e integradora das obras em pauta, quanto à temática escolhida.

Procedimentos para análise: A análise das obras consistiu em três momentos, que serão apresentados a seguir: 1º momento: síntese da obra; 2º momento: análise dos conteúdos atribuídos à personagem avó na literatura infantil em pauta, 3º momento: síntese das semelhanças e diferenças apontadas nas análises anteriores objetivando compreender (1) nova imagem dos avós; (2) mudança do personagem avó/avô; (3) presença/ ausência de imagens com conteúdo simbólico como ilustrações.

A partir disso, as obras selecionadas foram agrupadas em três blocos: avós em transição; netos em transição; e ênfase nas mudanças no personagem avô/avó

1 Avós em transição

Primeira obra: A menina, o cofrinho e a vovó, de Cora Coralina (1967)

Síntese: É um relato autobiográfico de Cora Coralina como forma de agradecer a sua neta, Célia, que aos 12 anos, ofereceu à sua avó seu cofrinho de moedas para que esta pudesse comprar geladeira e tachos para a sua produção de doces. Conforme a autora aponta, a avó, com a ajuda da menina, ganhou a parada e se firmou na sua empreitada, e diz: “Seu dinheirinho, Célia, foi o bom fermento que fez crescer o pão que a vovó amassava decidida. E como esse fermento foi fecundo e bom... Ele tem o nome de fermento da bondade generosa”. (p. 18) Pede para a neta guardar esta história no coração, e assina: Vovó Cora, Goiás, 15.12.67

Análise: Cora Coralina escolhe permanecer “na terra, onde nasceu e tinha suas raízes fortes e vivas” (p 3), mesmo estando velha e sozinha e, como não tinha rendimento e passava por dificuldades, “cismou de trabalhar”. sobreviver às custas dos doces caseiros. Embora a ilustração a descreva como uma velhinha gordinha, de olhar bondoso, com coque de cabelo branco, de avental, mexendo com colher de pau tachos no fogão a lenha, o retrato é de uma mulher forte, de pulso, empreendedora, que assume totalmente a sua vida já idosa, recusando-se a ir viver com seus filhos em outra cidade e alcançando um sucesso profissional como doceira. E afirma: “Deixará, quando morrer, para filhas, netas e bisnetas, símbolos vivos do seu trabalho produtivo. Ensino. Lição. Lição de vida. Sempre proveitosa” (p.10). Portanto, mesmo que retratada como uma avó tradicional, sua atitude é mais do que moderna, sendo que ela deixou um legado, não apenas para sua família, mas para todos nós, seus leitores sendo, segundo Carlos Drummond de Andrade, a pessoa mais importante de Goiás.

Segunda obra: Vovó quer namorar, de Maria de Lourdes Kriger (1997).

Síntese: A narrativa é realizada por Letícia, a neta de vovó Frosina que fica surpresa ao descobrir que a avó espera a visita de um homem. O discurso, pontuado pelas duas vozes, a da avó e a da neta, vai trazendo as lembranças da mocidade da primeira e a conquista de seu espaço agora na velhice. Rompe com a representação tradicional da velhice feminina: tricotar, fazer doces e contar histórias para os netos. Vovó Frosina é uma personagem aventureira e disposta a bem viver o seu tempo de velhice, uma avó supermoderna, que usa roupas coloridas, salto alto e maquiagem. Tais artifícios de beleza são considerados por sua filha Luci como coisas da juventude e não cabíveis para o comportamento e atitudes de uma “avó”.

Análise: A idosa não se permite envelhecer sem vida, e essa característica é apresentada no texto, carregando-o de paixão, sensibilidade e carisma. É uma história que conta as memórias de uma avó viúva, que, no auge da sua maturidade ou porque não assumir a palavra velhice (sem os preconceitos que ela pode carregar), assume as rédeas da vida e investe na possibilidade de um novo namorado. Sentada na sala, enquanto espera a chegada do seu novo amor, vó Frosina conta para a neta seus segredos, tecendo um bordado de palavras que nos revelam uma força feminina que emociona e comove. A obra tematiza o conflito geracional entre mãe e filha e o encontro entre avó e neta. A ilustradora, Márcia Cardeal, transmite suavidade nas poucas gravuras em preto e branco que aparecem no livro, retratando o passado e o presente da personagem principal que é a Vó Frosina.

Terceira obra: Vovó delícia, de Ziraldo (1997).

Síntese: Ziraldo apresenta uma avó supermoderna, jovem, tão ou mais jovem do que sua filha, que se ocupa bastante de sua neta, buscando-a na escola diariamente e sendo ambas as melhores companheiras. Toma decisões não aprovadas pela filha, como sair para uma Roda de Samba, em companhia de Vicente Celestino, com a menina até o raiar da madrugada, encontrando mãe e pai desesperados na portaria a esperá-las. O casal vive separado, e a menina vê com interesse esse momento de relacionamento entre eles, enquanto a avó tem muitos amigos e namorados. Certa vez, não vem pegar a neta na escola e esta é levada pelo pai, apavorada, a um hospital, imaginando a avó ter se acidentado por andar como louca pela cidade em uma lambreta, mas resultando em uma plástica que a avó resolveu fazer para deixar “tudo bem lisinho”.

Análise: O excepcional nesta história são as ilustrações que a acompanham – e que têm até mesmo um índice remissivo ao final. Nestas ilustrações, muito cultas e cultivadas, vemos o alcance da memória transmitida pela avó, quer no retrato do tataravô e da tataravó como pessoas vivas e interessantes, quer em grandes reuniões de família, quer na ida a museus, quer no que está nas paredes da avó, como o retrato de Che Guevara por ilustradores poloneses, “os melhores”, quer

na coleção de discos, “long-plays”, donde a menina conhece músicas que seus colegas atribuem à pré-história. Embora excepcionalmente ricas e elaboradas, as ilustrações não podem ser ditas terem um alcance simbólico, além dos significados veiculados pela própria história, qual seja, a transmissão intergeracional da cultura, do social e da família. Assim, esta história se assemelha à anterior, retratando, em certo sentido, uma época e uma geração, mais politizada, mais alerta para a herança cultura, social e familiar a ser transmitida a seus descendentes. Trata-se de um livro excepcional.

2 Netos em transição

Quarta obra: Uma velhinha de óculos, chinelos e vestido azul de bolinhas brancas, de Ricardo Azevedo (1998)

Síntese: Seis amigos estão sentados na calçada. No portão de uma casa, do outro lado da rua, aparece uma velhinha de óculos, chinelos e vestido azul de bolinhas brancas. Os amigos começam a conversar. Cada um diz o que pensa. Surgem seis opiniões diferentes de uma mesma velhinha. Algumas versões retratam a velhinha como moderna, uma escritora, e seu marido como alguém que já fez de tudo na vida, ou como artista de teatro, ou professora de ginástica. Em outras, é dona de casa, viúva que vive sozinha, tem medo de tudo.

Análise: História muito interessante por entrar no cerne da questão em pauta: o que veiculam as imagens das pessoas mais velhas? E, de outro lado, retratar histórias muito diversas sob uma mesma forma externa de velhinha, mas que é em tudo e por tudo “nova”. As ilustrações acrescentam sempre elementos ao que está sendo contado. Por exemplo: uma borboleta azul na história de um casal que vive com liberdade; uma nuvem cinza sobre a cabeça da velhinha descrita como muito triste por viver sozinha; batom e máscaras de teatro para a senhora que é ainda artista de teatro; mas o símbolo mais forte entra no final: uma ampulheta de tempo, em que, na parte superior da campânula, está uma árvore plantada na grama, com céu azul e algumas nuvens brancas e, na de baixo, a grama que escorre como se fosse o tempo e vai se transformando de verde para um tom de cinza/ terra, que encosta na parte de baixo. Esta é a obra que melhor retrata a transição no modo de representar a avosidade, não em função de traços atribuídos à modernidade, mas à perda da força de transmissão simbólica, pois é a única, dentre as obras, a apresentar um símbolo na sua última página.

Quinta-obra: Vovó Rock and Roll, de Paula Autran (2011).

Síntese: Suely é uma avó diferente, uma velhinha da pesada, no seu armário só tem jeans, botas de cano alto, guitarras e cds *de rock'n roll*. A Escola pede para os alunos trazerem foto de quem mais gostam em sua família, fora os pais. A neta Cecília logo escolheu a avó Suely. Enquanto

todos os alunos levam fotos de avós parecidas – de vestido de bolinhas, muletas, sapatilhas, coques, faziam bolos e tricotavam – a neta ficou envergonhada porque a foto de sua avó era bem diferente das demais fotos de avós (era como cantora de rock tipo Rita Lee). Cecília vai visitar sua avó Suely para saber onde guarda seus vestidos de bolinha etc. Procura pela casa da avó e nada acha. Cecília vai à escola triste e todos procuram saber por que, professora, mãe e pai. Os pais telefonam à avó que vem guiando rapidamente. Em um diálogo entre avó e neta, esta diz querer ter uma avó de verdade, como a das histórias, dos livros. Vovó tem uma ideia e conta a Cecília e as duas ficam rolando no chão de tanta risada. Avó e Cecília se encontram todos os dias após a aula, e mostram a grande surpresa: um livro chamado *Vovó Rock and Roll*, escrito e desenhado por ambas. Feliz, Cecília diz: agora também tenho uma vovó de livro! O pai, Silver, preocupa-se com a filha e participa ativamente da vida familiar.

Análise: A história é uma crítica a uma versão única da personagem avó e propõe uma nova versão para a mesma. Esta “nova” avó é ativa, comunicativa, presente na vida dos netos e colaborativa. Realiza uma atividade em conjunto com a neta de modo a ultrapassar a vergonha que esta sentiu ao se sentir diferente (estigmatizada por não ter uma avó com as demais e das histórias com avós). Quanto às ilustrações de Natália Lemas, excelentes, atraentes e criativas, não ultrapassam o nível do relato. Portanto, temos o retrato de uma avó, companheira em termos igualitários ou democráticos de sua neta, em que a resolução de dificuldades desta passa por uma atividade realizada conjuntamente e que objetiva mostrar à neta que é possível superar estigmas ou verdades padronizadas. No entanto, ao perder uma posição de quem é responsável pela transmissão de um legado – já que a realidade pode ser sempre reinventada – observa-se uma perda da capacidade de imaginação simbólica, fortemente evidenciada pelas ilustrações que permanecem ao pé da história, e não se descolam dela.

Sexta-Obra: Veja, gente, que vovó diferente! De Tracey Corderoy e Joe Berger (2011).

Síntese: É uma tradução de uma obra em inglês, em que uma menina tem de se posicionar frente à sua avó que é uma bruxa. Seu desafio é amá-la como ela é e enfrentar os eventos diferentes causados pela avó e por suas amigas, todas bruxas. A menina pede para ela se tornar mais “normal”, e passam a realizar passeios e outras atividades como as demais avós e netas, inclusive a avó se veste com terninho. Porém, com isto, a avó se torna desanimada e a menina diz: “Você era diferente e divertida e agora está triste e abatida” (p. 23). A avó então retoma o modo antigo de ser, elas voam até a praia, cercadas por sapos e gatos pretos.

Análise: Esta obra reforça o conteúdo da anterior de que há um estereótipo associado à figura da avó e que, quando se diferencia deste, pode causar dificuldades para os netos face aos seus colegas. Portanto, de novo, a questão do estigma e do modo de lidar com a diferença. As

ilustrações seguem o conteúdo da história, sendo o ilustrador apresentado como autor da história, em conjunto com o escritor.

Sétima Obra: Olhando para dentro, de Aline Perlman (2009)

Síntese: Ao saber que o avô está se mudando para a sua casa, Fernando se revolta por ter de dividir o quarto com ele. Arrependido, compra um gravador para que este grave suas memórias e seu cotidiano, o que permite uma nova convivência entre ambos.

Análise: Esta história ilustra as eventualidades nos relacionamentos familiares, incluindo aí a relação avós/netos. Aponta, igualmente, para o valor da permanência da memória familiar e do crescimento do neto por meio de seu convívio com o avô. A ilustração segue a história sem propor símbolos.

Oitava obra: Vó: para de fotografar! de Ilan Brenan e Guilherme Karstein (2018).

Síntese: A avó tem mania de fotografar o tempo todo, o que irrita a neta. Contudo, ao ver as fotos reunidas em um álbum, passa ver a mania com outros olhos e sua relação com a avós fica transformada.

Análise: Esta história evidencia o encontro de gerações, a mudança do posicionamento da neta e a importância de criar e guardar memórias.

3 Mudanças no personagem avô/ avó

Nona obra: Tem um avô no meu quintal, de Tânia Alexandre Martinelli (2000).

Síntese: Trata-se da história do menino Luiz, xodó da avó, moradora de uma casa com um imenso quintal, cheio de árvores frutíferas. Surge na vida da avó um namorado e ela decide casar-se, o que o menino não aceita e tenta evitar esse acontecimento. Com o passar do tempo, percebeu que seu avô adotivo era legal e faz amizade com ele.

Análise: tanto a avó quanto o avô adotivo são descritos de modo jovial e não tradicional. A casa é retratada, pela ilustradora como moderna e, ao mesmo tempo, tradicional.

Décima obra: As fantásticas aventuras da Vovó Moderna de Léo Cunha e Marta Lagarta (2016).

O livro é composto por duas histórias bem diferentes, ambas apresentadas na forma de versos.: (1) Aspirador de nuvens; (2) Pirada no Caribe.

Síntese: O avô é um sonhador, um faz-nada, o que preocupava seus familiares. A avó é quem conta a história. Diz: “tenho cara de vovó?” (p. 8), definindo-se como moderna, sem coque, óculos no nariz, e roupas tradicionais. Toda a família vai à praia nas férias, bisnetos inclusive, e o avô permanece “emperrado”. O avô sonha que cria um aspirador para capturar as nuvens e guardá-las debaixo de seu chapéu. Ao acordar, constrói o aspirador, mas dá tudo errado. Aí, continua a

avó, “entra minha mão, o meu braço, a minha perna. (...) Eu mesma, a Vovó Moderna!” (p. 19). Com a ajuda do Google e outras ferramentas, tenta consertar a máquina. Mas o aspirador se transforma em um Robô e, “acionando as mangueiras, sugou várias nuvens negras” (p. 22). Termina a história dizendo que o avô, embora participativo e animado, continuou a gostar de ficar sozinho.

Análise: Esta história é muito rica pela descrição de situações vivenciais de avós que continuam ativos, inventivos, criativos, mas podem também se isolar. Grande ênfase na criatividade, na inventividade, no faz de conta durante a vida inteira. Mostra avós colaborando enquanto casal, embora se diferenciando enquanto personalidades e desejos.

Décima primeira obra: Pirada no Caribe, segunda história de Léo Cunha e Marta Lagarta (2016).

Síntese: A avó relata as aventuras de Dona Ruth, uma amiga de colégio, que tudo temia e apenas se dedicava ao trabalho, em uma viagem por um transatlântico pelo Caribe, por insistência da avó. Dona Ruth se recupera como menina, voando pelos ares. Cai em cima de um músico que tomava sol, e que a convida para ouvi-lo tocar. É descrita uma situação em que as diferenças são trabalhadas, baseadas no músico e em Dona Ruth. Aparece um furacão e a avó estreia “a sua máquina fantástica que engole furacão” (p. 42). A história termina com o músico tocando em homenagem à avó, que tem o seu momento de glória, e quer voltar ao Caribe. Portanto, nesta história há descrição de flerte e namoro entre pessoas adultas.

Análise: Repete-se a análise anterior com ênfase no imaginário e no seu poder de renovar e rejuvenescer, incluindo aí a atividade de namoro (ou paquera), bem manifestos nas ilustrações. As ilustrações de Laurent Cardon são curiosas: coloridas e muito ricas em formas: há muitos ângulos e espirais, mostrando o valor do imaginário.

Décima segunda obra: Vovó é Poder, de Fábio Carpenejar (2022).

Síntese: Retrata uma avó “diferente” porque anda de bicicleta, nada, corre todas as manhãs, luta caratê, dança com as amigas, trabalha e usa aparelho nos dentes e tem vários namorados. Em compensação, há velhos que “foram postos em caixinhas fechadas” (p. 07). Compara a avó com a mãe, dizendo: “Mãe é não. Vó é sim. Mãe é cuidado. Vó é coragem. Para mãe, estou sempre aprontando. Para vó, estou sempre aprendendo”, etc. (p.23) para concluir: “é como se mãe fosse não poder nada. Vó fosse poder tudo. Vó é poder” (p. 24)

Análise: Esta história lança um olhar longo para as gerações familiares e para a situação de isolamento em que muitos idosos vivem, projetando o envelhecimento da mãe e de si próprio, no que indica uma mudança no posicionamento do neto. Além disso, assinala o poder de um tipo de cuidado centrado na liberdade.

Décima terceira Obra: Minha valente avó, de Andréa, Eda e Ana Prestes (2021)

Síntese: diferentemente dos livros anteriores, este relata a história de uma pessoa, Maria Prestes, esposa de Luiz Carlos Prestes, em uma homenagem a ela prestada por seus netos. Mostra a descoberta da coragem da avó ao longo de seus 90 anos, que enfrentou forças militares e lutou por ideais; ao mesmo tempo, recupera valores da tradição familiar da avó.

Análise: recuperação da memória familiar por meio de um aporte histórico e familiar, com ênfase na força de uma mulher que construiu relações de afeto apesar do que sofreu.

Semelhanças e diferenças entre as treze obras descritas

Esses treze livros foram escritos em épocas diferentes (de 1967 a 2022), e trazem aspectos em comum assim como diferem em outros. Foram apresentados subdivididos em três grupos que não se excluem mutuamente, mas denotam semelhanças entre si.

Assim, no item denominado *Avós em transição*, emerge a inserção geracional do avô/avó que se percebe em transição e quer deixar valores para os seus descendentes, apoiados em práticas sociais.

No subitem seguinte, os autores retratam que as mudanças das avós são vistas como potencialmente provocadoras para seus netos frente a estereótipos que podem levar a manifestações tipo *bullying* pelas demais crianças. Estes livros tratam da alteridade e do enfrentamento de estigmas e de modos diferentes de ser.

Finalmente, no terceiro grupo de livros, é veiculada a nova imagem dos avós, em que é bastante enfatizada a função da imaginação e da criatividade. Denotam estar mais próximos a uma visão de relação democrática entre avós e netos, de companheirismo e de individualismo.

No total das histórias, as avós são mostradas de diversos modos e formas. Muitas delas são contemporâneas, participando de festas, viagens, cursos universitários e namoram. e há aquelas avós mais conservadoras, que vivem restritas ao lar. Algumas escolhem a idade avançada para tomar as rédeas de suas vidas em suas mãos: para trabalhar, para namorar. Todas participam ativamente da vida de seus netos e netas.

Os treze livros ressaltam a relação da afetividade e de carinho entre crianças e adultos; o contexto espacial em que há casas com quintais e árvores frutíferas; a relação de trabalho, em que a mulher é profissional e mãe, assumindo dupla jornada; a relação temporal, retomando o passado através da memória; a relação social destacando o papel das mulheres em diversas situações; e descreve a relação especial de intimidade e de segredos entre avós e netas. No entanto, nessas mudanças, a sociedade é mostrada como conservadora, o que pode ser visto nas histórias que retratam a neta ter vergonha da “avó diferente”.

Como apontou Anne Carolina Ramos (2015), embora os avós possam estar mais “modernizados” na literatura, continuam sendo principalmente velhos, isto é, deficientes. Deste modo, os livros para crianças na temática avosidade servem tanto para descortinar e conscientizar novos padrões de comportamento como para manter uma postura machista e tradicional a respeito do papel social da mulher na sociedade contemporânea,

O elemento analítico mais impactante, no entanto, foi veiculado pelas ilustrações, em que, embora de excelente qualidade, pode-se observar um esvaziamento do caráter simbólico atribuído às avós. Uma hipótese para tal pode estar relacionada à ordem simbólica em que “o simbólico é reduzido ao real, ele é incorporado, encarnado” (LÜDORE; VILAÇA, p. 420, 2010), não transcende, não extrapola.

Contudo, nestas treze obras analisadas, embora magistralmente ilustradas, apenas um símbolo apareceu, o de uma ampulheta em que há uma árvore florida e um céu azul com nuvens brancas na parte superior, e a areia passando para a parte inferior estabelecendo-se no solo como terra.

Pode-se assim levantar uma suposição, de caráter prospectivo e dentro de uma perspectiva de “geração histórica” (SCOTT, 2010) – em que as gerações são percebidas pelas perspectivas de tempos em transformação -, de que, ao se modernizarem, democratizando suas relações e tornando-se companheiros de seus netos. as avós e os avôs perdem uma característica de verticalidade, de capacidade simbólica de encarnar uma longa tradição do passado.

Considerações finais

Os avós têm sido apresentados na literatura infantil principalmente como legado geracional, cultural e histórico. No entanto, este posicionamento tem sofrido alterações na contemporaneidade, e os estudos têm apontado a presença da coeducação entre gerações, geralmente associado ao uso da internet, além da coexistência de até cinco gerações devido ao envelhecimento populacional.

Respondendo à pergunta que norteou o presente estudo - como essas mudanças sócias familiares estão impactando na imagem dos avós em histórias para as crianças no Brasil -, constatou-se que, na nova imagem, os avós são retratados bastante ativos, comunicativos, presentes na vida dos netos e colaborativos, contrapondo-se à imagem da avó tradicional quanto à vestimenta, hábitos, comportamentos e atitudes.

Da análise destas histórias, pode-se observar ter ocorrido uma mudança do personagem avó/avô que passa a ser descrito como tendo um corpo, não apenas marcado pelo sofrimento, mas

também pelo prazer, em namoros e recasamentos, e pela interação com os netos em nível de cumplicidade democrática.

Em dois dos livros consultados, tal avó causa embaraço às suas netas que se sentem diferentes de suas colegas por ter avós “diferentes”, sugerindo pressão social na direção da composição de uma imagem estereotipada para o ser avó, tanto para o adulto quanto para o neto.

Diferentemente dos dois livros analisados pela pesquisa original, não se encontrou, nas ilustrações, a presença de símbolos. Apenas um dos livros que retrata uma passagem entre várias imagens associadas a uma mesma figura de avó, e de seu companheiro, o avô, uma ilustração pode ser vista como de caráter simbólico ao eleger dois símbolos: a borboleta azul como de liberdade, e a da ampulheta do tempo, onde há o tempo do presente, com uma árvore que vive plenamente, mas indicando que esse tempo passa e se torna apenas terra, o que permanece.

Assim, a leitura de que a ausência de símbolos para ilustrar as histórias pode significar, ou indicar, a perda de uma posição de quem é responsável pela transmissão de um legado, – já que a realidade é representada como podendo ser sempre reinventada – pode-se, concomitantemente, aventar a possibilidade de uma redução do nível do simbólico ao nível do real na transmissão intergeracional avós/ netos.

Da pesquisa de livros dirigidos ao público infantil contendo o personagem avó, revela-se igualmente a literatura infantil dirigida a como lidar com dificuldades de caráter de orientação “autoajuda”, ensinando às crianças como e o que fazer com o avô/avó com Alzheimer, com demência senil, ante a morte, etc. A lógica subjacente é a do consumo, pois os pais, desorientados, procuram nos livros esta orientação. Por mais “úteis” que possam ser tais livros, do ponto de vista de uma ampliação da condição do sujeito humano, a nosso ver, pouco contribuem, pois estariam ratificando a condição de submissão a uma realidade que visa resolver imediatamente os problemas e não os projetar em outros tempos e espaços.

Referências

AUTRAN, Paulo. Vovó Rock and Roll. SP: Prumo, 2011.

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar. Curitiba: CRV, 2021

AZEVEDO, Ricardo. Uma velhinha de óculos, chinelo e vestido azul de bolinhas brancas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

AZEVEDO, Tâmara; Rabinovich, Elaine Pedreira. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Psicologia USP, São Paulo, 23(1), 211-231, 2012.

- BARBOSA, Iêda Carvalhêdo. Memória e esquecimento: os avós na literatura infantil contemporânea. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 15, 21 a 23 nov. 2018, Fortaleza (CE). Anais... Fortaleza (CE): UFC, 2018. p. 235-245.
- BRENNAN, Ivan; Karsten, Guilherme. VÓ: para de fotografar. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2019
- CARPINEJAR, Fabrício. Vovó é poder; Rio de Janeiro: Bertrand, 2022.
- CORALINA, Cora. A menina, o cofrinho e a vovó. SP: Global, 2008.
- CLÉMENT, Claude. Vovó Luci: no tempo dos nossos avós. SP: Scipione, 2003.
- CORDERY, Tracey; BERGER, Joe. Veja, gente, que vovó diferente! SP: Brinque-Book, 2013.
- CUNHA, Leo; LAGARTA, Marta. As fantásticas aventuras da Vovó Moderna. SP: Cia das Letrinha, 2016.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 18 fev.2023.
- KRIEGER, Maria de Lourdes. Vovó quer namorar. Ilus. Márcia Cardeal. São Paulo: FTD, 1994.
- LÜDORF, S. M. A.; VILAÇA, M. M.. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Cadernos de Saúde Pública, v. 26, n. 2, p. 419–420, fev. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sjMhRzj8z9TkXHzPZfX7bBL/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev.2023.
- MACHADO, Ana Maria. Bisa Bia Bisa Bel. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.
- MARTINELLI, Tânia A. Tem um avô no meu quintal. SP: Quinteto Ed. 2000.
- RAMOS, A.C. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. Educação & Realidade, v. 40, n. 1, p. 191–225, jan. 2015. Disponíveis em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/L8NmDLLXF45nBMc6SyVyD7g/?lang=pt#>. Acesso em: 18 fev.2023.
- ROCHA, Ruth. Por trás da porta. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- SCOTT, P. Gerações e famílias: Polisssemia, mudanças históricas e mobilidade. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 25, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5532>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- SILVA, Camila; Correa, Mariele. Trocas Simbólicas entre Gerações: Avós, Netos e a Literatura Infantil. Pensando Famílias, v.18, n.1, p. 124-137, jun.2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a11.pdf>. Acesso em: 12 fev.2023.
- SOUZA, R. J.; SILVA, J. A. DE S. E; JUNQUEIRA, C. C. (2020). Avós e netos: as representações da velhice na literatura infantil de língua portuguesa. Revista Crioula, (25), 20-46. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2020.169498>. Acesso: em 14 fev.2023.

PERLMAN, Alina. Olhando para dentro. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

PRESTES, Andréa; Prestes, Edu; Prestes, Ana. Minha valente avó; São Paulo: Editora 2021.

ZIRALDO. Vovó Delícia. São Paulo: Melhoramentos, 1997.